

# REDES SOLIDÁRIAS

MARIA TEREZA MALDONADO

Ilustrações

MARCELO MARTINS

# REDES SOLIDÁRIAS

- *Selecionado para o PNLD/SP 2002*
- *Prêmio “Adolfo Aizen”, de literatura infantil e juvenil, categoria solidariedade, da UBE-2002*



7ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora  
Saraiva**

*Editor:* ROGÉRIO GASTALDO

*Assistentes editoriais:* ELAINE CRISTINA DEL NERO  
NAIR HITOMI KAYO

*Secretária editorial:* ROSILAINE REIS DA SILVA

*Suplemento de trabalho:* ROSANE PAMPLONA

*Preparação de texto:* PAULO DE SÁ

*Coordenação de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO

*Gerência de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

*Supervisão de arte:* VAGNER CASTRO DOS SANTOS

*Diagramação:* MARCOS ZOLEZI

*Finalização de capa:* ANTONIO ROBERTO BRESSAN

*Produtor gráfico:* ROGÉRIO STRELCIUC

*Impressão e acabamento:*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Maldonado, Maria Tereza

Redes solidárias / Maria Tereza Maldonado ;  
ilustrações Marcelo Martins. — 7. ed. — São Paulo : Saraiva,  
2009. — (Jabutí)

ISBN 978-85-02-03324-5

1. Literatura infantojuvenil I. Martins Marcelo.  
II. Título.

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

11ª Tiragem, 2017



---

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061  
www.editorasaraiva.com.br  
atendimento@aticascipione.com.br

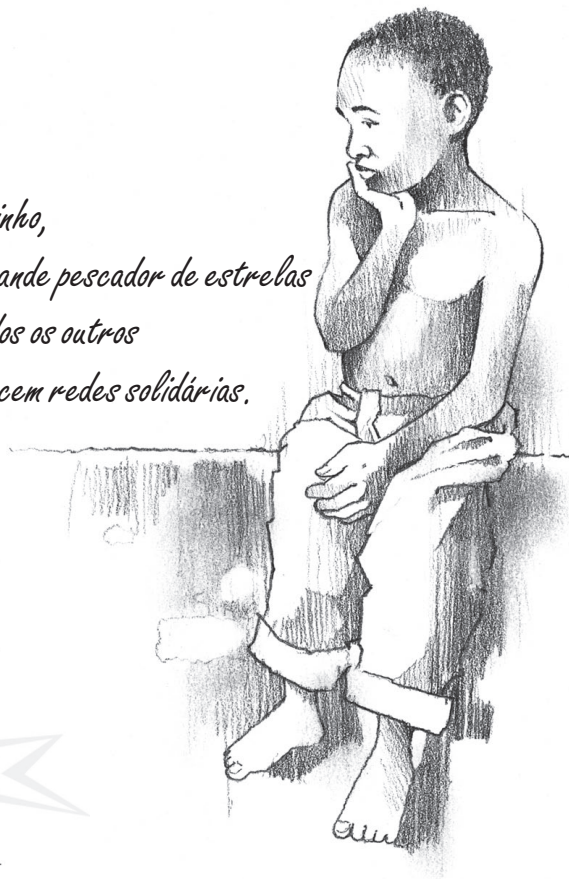
---

Todos os direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

CL: 810087

CAE: 571361

*A Betinho,  
Um grande pescador de estrelas  
E a todos os outros  
Que tecem redes solidárias.*





## PALAVRAS DA AUTORA

*Quem dedica parte do seu tempo ao trabalho voluntário sente uma energia que transborda para outras áreas da vida, uma alegria que vem do coração. Como há muitas pessoas que desejam fazer um trabalho voluntário, mas não sabem quem procurar para ter mais informações, incluí nesta obra uma lista dos atuais centros de voluntariado existentes no Brasil e das instituições que colaboraram com material importante para a construção deste livro.*

*Quero agradecer às pessoas com quem conversei sobre projetos que inspiraram a construção de cenas e personagens de Redes solidárias: João Paulo, filho da minha agente literária Lúcia Riff, que me falou sobre o “trote solidário”; David Hadjes, que foi um jovem voluntário e hoje dirige a Heavy Mental Creations; Áurea Alencar, do Instituto C&A; Márcia Campos, da Fundação Odebrecht; e Helda Abumanssur, do Programa Voluntário, que me forneceram um rico material sobre jovens voluntários; irmã Tereza, com quem conversei sobre o trabalho da Pastoral da Criança; Laura Olivieri, Max Freitas, Carlos Eduardo Herguert e Rodrigo Baggio, diretor do Comitê de Democratização de Informática, que já implantou mais de cem escolas em comunidades carentes no Brasil e em outros países; Rita de Cássia de Carvalho, do Projeto Curumim da Comunidade Júlio Ottoni, onde conheci o jornal da comunidade feito na escola de informática, citado no texto; Heloísa Coelho, Sandra Miranda e Marcos Teobaldo, do Rio Voluntário; a equipe do Lar Espírita Maria de Nazaré, na favela da Rocinha, cujo trabalho inspirou algumas cenas do livro; Rogério Gastaldo, meu editor, que me enviou textos e me abriu contatos com programas de voluntários, e muitas outras pessoas que não dá para citar aqui que, ao longo de muitos anos de trabalho, ajudaram a construir minha crença no poder das “redes solidárias”.*



— Ei, você aí, cuidado! Não está vendo que a tinta está fresca?

— Ih, foi mal, desculpe!

— Vocês vão consertar as carteiras quebradas aqui dentro, com esse cheiro de tinta?

— Se vocês aguentarem o barulho das marteladas, a gente aguenta o cheiro da tinta...

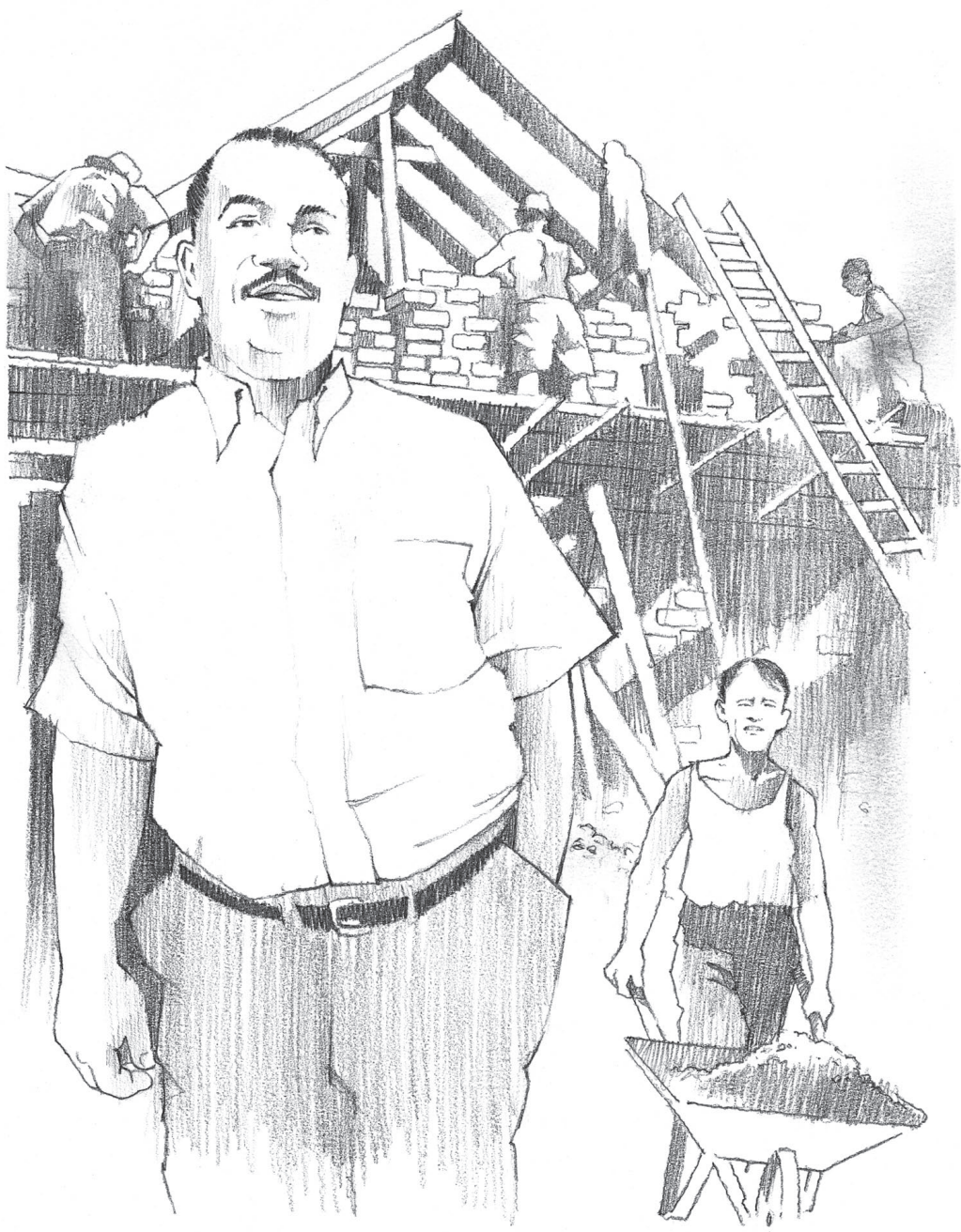
— Tá certo... Vamos ver se fica tudo pronto em cinco dias. As aulas vão começar na segunda-feira.

A agitação era grande. Mais de setenta pessoas trabalhando no mutirão para reconstruir a escola. Há duas semanas, Cícero, o pai de Marcão, conseguiu juntar os amigos da associação dos moradores, outros pais e alunos da escola, a diretora e alguns professores para propor a ideia do mutirão:

— Gente, não adianta ficar esperando, a prefeitura não tem verba para consertar a escola. Já consegui um desconto especial numa loja de material de construção. Madeira, tinta, um dinheirinho e a boa vontade de todos nós vão fazer desta escola um lugar agradável para nossos filhos estudarem!

Alguns se olharam com entusiasmo, outros com uma certa descrença. Todos os que conheciam as instalações sabiam que as salas estavam sujas e pichadas, com várias carteiras quebradas. Havia alguns anos a escola estava nesse abandono, ninguém cuidava, pelo contrário. Para “comemorar” o final das aulas, a turma da bagunça jogou pedras em mais alguns vidros, rabiscou carteiras e fez novas pichações.

Cícero, marceneiro dos bons, procurou Antônio, que é pintor e tem duas filhas nessa escola, para arquitetar o plano de organizar o mutirão. Para convencer um bom número de pessoas usaram um argumento decisivo: lembraram que a ideia do mutirão como ajuda individual existe há muito tempo na



comunidade, desde a época dos barracos de madeira e papelão até as casas de alvenaria. Oferecendo uma boa feijoada, um mocotó ou até mesmo frango assado com farofa, conseguiam reunir alguns vizinhos para ajudar na mão de obra das casas. “Então, por que não fazer o mesmo para a escola, a segunda casa dos nossos filhos?”, argumentou Cícero. “Entre os pobres, a solidariedade é uma questão de sobrevivência”, reforçou Antônio. “E a escola pertence à nossa comunidade; portanto, se juntarmos nossos esforços, poderemos melhorar as instalações”, completou.

Marcão, desde pequeno, gostava de acompanhar o pai nas reuniões da associação de moradores e, assim, despertou o interesse por conhecer as dificuldades da comunidade e as tentativas para resolvê-las. Quando surgiu a ideia do “mutirão pela coletividade”, logo se prontificou para recrutar os colegas. Conseguiu algumas adesões, mas encontrou muitas resistências:

— Trabalhar de graça e ainda por cima nas férias? Tá maluco, “mermão”?

— Eu sei que a escola está caindo aos pedaços há muito tempo, mas o que é que eu tenho a ver com isso?

— Não gosto mesmo de estudar... Tô mais é torcendo pra escola acabar de apodrecer...

Dona Lurdes, a diretora, teve uma ideia: como não conseguiu punir o pessoal da turma da bagunça, pois o tumulto aconteceu no último dia de aula, mandou chamá-los para participarem do mutirão:

— Ajudaram a estragar, vão ter que ajudar a consertar — disse a uma das professoras.

— É uma boa ideia, dona Lurdes, mas e depois? A escola vai ficar pintada, com as carteiras em bom estado. E se eles depredarem tudo outra vez?

— Cada vez que estragarem, vão ter que consertar. Vou começar a agir assim, acho que dá mais certo do que tirar aluno da sala de aula, suspender ou expulsar da escola.



— E se eles fizerem corpo mole, dona Lurdes? Esses meninos são danados! Na hora da bagunça, fazem tudo rapidinho, mas, e quando tiverem que consertar, como é que vai ser?

— Vamos ver, Benedita. São ideias novas que algumas escolas já estão colocando em prática: se o que fizeram de errado puder ser consertado, a consequência é essa, assumir a responsabilidade pelo conserto.

Tião e Maneco foram os que mais se revoltaram com essa convocação. Só queriam saber de aproveitar bem as férias, ver TV e jogar bola no campinho de futebol perto da praça. Estavam acostumados a levar advertência dos professores; já tinham sido retirados da sala de aula e conversado com dona Lurdes muitas vezes, até suspensão já tinham levado. A ameaça de expulsão pairava no ar, mas eles nunca a levaram a sério. Por isso mesmo, arquitetaram “a grande bagunça de comemoração das férias” no último dia de aula, com a esperança de escapar da punição. A convocação para participar do mutirão pegou os dois inteiramente de surpresa.

— Ajudar a consertar a escola?! A dona Lurdes “pirou” de vez! — disse Tião.

— Eu também não tô nem um pouco a fim de dar uma de marceneiro, “mermão”, mas e se a velha ficar de marcação com a gente? — disse Maneco.

— Ah, dane-se, não tô nem aí!

Mas, mesmo assim, foram para o mutirão. Enrolaram o mais que puderam, má vontade total. No final do primeiro dia, Maneco comentou:

